

SOBRE ÓDIO E AÇÃO

ABOUT HATE AND ACTION

Dionei Mathias¹

Resumo: Este artigo pretende analisar a conexão entre emoções, especialmente o ódio, e as ações no romance *Die Liebhaberinnen*, da autora austríaca Elfriede Jelinek. Após uma introdução teórica que discute os pressupostos em volta do par emoção e ação, o artigo analisa (1) os obstáculos ao prazer e o princípio do ódio, (2), o episódio do café da tarde e as regras da norma social e por fim (3) o prazer do outro como mecanismo desencadeador do ódio e da ação. Nesse romance, Elfriede Jelinek mostra o potencial de destruição do sujeito em busca do prazer pessoal, as distorções da fala em contextos sociais e as formas de silenciar o desejo de mudança.

Palavras-chave: Elfriede Jelinek; *Die Liebhaberinnen*; ódio e ação.

Abstract: This article aims to analyze the connection between emotions, especially hate, and actions in the novel *Die Liebhaberinnen*, published by Austrian writer Elfriede Jelinek. After a theoretical introduction, which discusses the presuppositions about the pair emotion and action, this articles focuses on (1) the obstacles for pleasure and the principle of hate, (2) the episode of the afternoon coffee break and the rules of social norm, eventually, (3) the pleasures of others as triggering mechanism of hate and action. In this novel, Elfriede Jelinek shows the individual's destruction potential in search of personal pleasure, the distortions of speech in social contexts and the ways of silencing the desire for change.

Keywords: Elfriede Jelinek; *Die Liebhaberinnen*; hate and action.

Introdução

Ação e emoção se condicionam mutuamente. De acordo com Weber (1922), agir implica uma ação intencional baseada em decisões com maior ou menor grau de consciência. Isto é, indivíduos estão envolvidos de maneira ativa no processo de transformação intersubjetiva e social. Situado num espaço cultural definido, o indivíduo executa com motivação e empenho aquelas tarefas cujas concretizações lhe prometem satisfação pessoal e lhe permitem antever certo prazer existencial. Se, ao contrário, antecipa algo que o enfastie, ameace ou lhe cause desgosto, prefere, muitas vezes inconscientemente, não realizar tais ações, definindo igualmente seu entorno social e sua relação com pessoas, objetos e atividades (VOSS, 2004).

¹ Doutor em Letras pela Universidade de Hamburgo e pela Universidade Federal do Paraná. Professor no Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: dioneimathias@gmail.com

Portanto, uma das tarefas primordiais do indivíduo em cada ação reside em diferenciar potenciais fontes de prazer e desgosto. Nesse primeiro passo interpretativo, elimina todas as ações que possam eventualmente causar desagrado, reduzindo assim as possíveis alternativas. Obviamente, essas decisões nem sempre levam ao fim desejado ou, por vezes, representam passos intermediários que perseguem um fim maior, envolvendo, para isso, inconvenientes indesejados, mas necessários. Entre prazer e desprazer, o indivíduo molda suas ações, constituindo interações baseadas em emoções cuja influência e premência raramente vêm à tona de sua consciência.

Com base nesses microfenômenos e em volta de dinâmicas dificilmente prognosticáveis, o espaço social começa a constituir-se, instituindo agregados ou sistemas inteligíveis cujo teor servirá de lume orientador para futuras interações. A soma dessas interações forma um conjunto de modelos de comportamento e conseqüentemente também de ritos de comunicação que facilitam o compartilhamento do espaço social. Ao mesmo tempo, a interação de processos comunicativos e comportamentais resulta na formação de instituições que agrupam diferentes feixes de interações, estabelecendo sistemas complexos que organizam e canalizam ações futuras dentro de um espaço geográfica e culturalmente determinado. Obviamente, o estabelecimento de instituições complexas implica a volição patente de um grande grupo de pessoas que se prometem benefícios e, conseqüentemente, prazeres para suas construções de identidade no futuro. Trata-se, portanto, de um investimento conjunto cujo fim é poupar energia, para que esta possa ser empregada em outros processos comunicativos e acionais (SCHEVE, 2009, p. 31).

Importante salientar a dinâmica resultante desses modelos, cujo fim consiste em organizar ou canalizar ações, interações e comportamentos. Haja vista que em seu centro borbulham emoções que gravitam em torno dos pólos 'prazer' e 'desprazer', os processos desencadeados pelas diferentes instituições ou pelos respectivos participantes de interações se revelam imprevisíveis, por vezes, mesmo fugazes. Embora se tente criar estruturas para institucionalizar emoções proveitosas, mas também para melhor conter arbítrios emocionais indesejados, é impossível idear complexos de tal maneira petrificados, que estes não permitam certa flexibilidade na modelação do cotidiano. Não há essências metafísicas cujos valores absolutos estejam acima da emoção ou da experiência subjetiva inserida no contexto específico. A permeabilidade emocional se mostra onipresente, definindo e redefinindo interruptamente a narração da realidade pessoal.

Para conter a imperiosidade emocional e, conseqüentemente, tornar possível a convivência pacífica de vários grupos e diferentes espaços sociais foi necessário que se impusessem normas e sanções válidas para todo o conjunto. A violação das normas é vista com pouca tolerância por parte dos membros, já que desordena e invalida todas as regras acordadas implicitamente, causando assim inúmeras turbulências emocionais adversas ao planejamento ordenado de realidade e de projetos de identidade (ELSTER, 1996/1999/2004; SCHEVE, 2009). Com sanções, por outro lado, é possível impor limites que propiciam a observação das convenções e que possibilitam a instituição de estruturas inibidoras e canalizadoras. A previsibilidade de ações e a orientação no processo de decisões implícita nas sanções facilitam as interações e ajudam o indivíduo a alcançar seus objetivos sem excessivos transtornos.

Entre normas e sanções, respeito e violação, há um campo enorme de possibilidades que não abre somente um, mas inúmeros leques de modelação e imposição acional. O indivíduo encontra diversas possibilidades de evadir-se de restrições referentes ao comportamento implicitamente esperado pelas estruturas sociais, acionando pequenos desvios que lhe viabilizam a demonstração de emoções socialmente inconvenientes - inveja, ódio, ciúme e afins. À margem do consciente, por ser sua assunção frequentemente insuportável ao próprio sujeito, essas emoções e ações estigmatizadas não deixam de existir, muito pelo contrário, seus latejos se tornam ainda mais intensos para terem suas necessidades reconhecidas pelo indivíduo que as nega obstinadamente.

Sua influência nas ações cotidianas não é menos veemente, senão imensuravelmente maior do que se queira admitir, dominando a volição consciente do indivíduo e logrando convencê-lo de que suas ações provêm de outros motivos mais probos, portanto, socialmente lícitos. Para todo o processo de ação social e interação subjetiva, esses movimentos inefáveis e reprimidos têm um papel central, haja vista que determinam o entendimento dos signos postos em circulação nos diferentes estágios de comunicação pelos próprios indivíduos, seus interlocutores e seus espaços acionais.

Com base na centralidade das emoções para a construção da sociedade e para a realização de quaisquer atos dentro dos limites de um espaço social, Scheve (2009) defende o conceito do 'agir emocional' (*emotionales Handeln*), ou seja, a emoção como força motriz da existência social. Quando age e, portanto, muda a realidade pessoal ou social, o indivíduo o faz a partir de movimentos emotivos, conscientes ou inconscientes, que o impelem a pôr-se

metaforicamente em movimento. Entre percepção e movimento, a emoção surge num processo de interpretação cujo resultado definirá a valência da sensação e a subsequente ação. Nesse contexto, deve se perguntar se a própria interpretação já não representa uma ação. De certa maneira, já o é, pois retraza, ainda que por vezes insignificadamente, a narração de identidade pessoal, inserindo novos signos pessoais, embora essa visualização provisória não mude ainda a realidade social extrassubjetiva.

Scherer (1984/1988/1993b) criou uma teoria para distinguir os diferentes passos percorridos na interpretação até chegar ao resultado final. Scheve (2009, p. 120) sistematizou esse modelo de interpretação no seu estudo, cujo teor citamos a seguir:

novidade	→	sensação	→	compatibilidade com objetivos	→	potencial de domínio da situação	→	compatibilidade com normas
----------	---	----------	---	-------------------------------	---	----------------------------------	---	----------------------------

Esse sistema de avaliação de estímulos está interligado. No primeiro passo, o indivíduo se vê confrontado com uma novidade a ser percebida ou um estímulo absorvido cognitivamente. Em seguida, experimenta uma primeira sensação de prazer ou desprazer, o que pode ser congênito ou culturalmente aprendido, definindo assim sua atitude ante a novidade. Na etapa subsequente, o indivíduo avalia o significado das sensações com respeito a seus objetivos pessoais, suportando sensações negativas, se estas lhe forem úteis em projetos futuros. Nessa categoria é preciso considerar outros quatro passos de avaliação (LEVENTHAL/SCHERER, 1987; SCHEVE, 2009): (a) a relevância dos acontecimentos para os próprios desejos e objetivos; (b) a correspondência entre acontecimento e expectativa; (c) proficuidade ou improdutividade dos estímulos em relação aos objetivos atuais; e por fim (d) a urgência de ação ou reação imediata.

O quarto estágio é definido pelo potencial de domínio da situação pelo sujeito (*Bewältigungspotenzial; coping potential*), ou seja, a capacidade de lidar psicológica e socialmente com os desafios encontrados e ordená-los adequadamente na sua narração/ação pessoal. Esse estágio também está subdividido em quatro perguntas: (a) avaliação causativa da responsabilidade; (b) controlabilidade das consequências; (c) avaliação dos próprios recursos em relação a possíveis obstáculos; (d) adaptabilidade ante consequências não controláveis. O último passo, por fim, é a compatibilidade com as normas e a autoimagem, subdividido em duas perguntas, a saber, se as ações são compatíveis com as normas, expectativas e convenções vigentes numa determinada sociedade e se são condizentes com o

próprio projeto de identidade.

Obviamente, é questionável se esse método abarca, de fato, toda a complexidade de acontecimentos cognitivos entre o contato com o estímulo e a ação dele resultante. No entanto, esse conjunto de perguntas ajuda a delimitar heurísticamente o processo interpretativo, possibilitando assim um entendimento da lógica subjetiva aplicada na formação das emoções. Discutível também é a consciência dessas perguntas no ato em si por parte do indivíduo, pois dificilmente ele terá tempo para respondê-las na íntegra, se o tempo de reação não ultrapassa alguns segundos socialmente aceitáveis. Com sua socialização, o indivíduo aprende a executar essa análise célere e eficientemente, sem para isso despender mais que poucos instantes. Mediante os modelos de ação e comportamento, a alfabetização dos signos de poder, de convenções e de normas, o indivíduo internaliza inconscientemente os diversos passos a serem percorridos sem necessidade de uma análise detalhada, aumentando com sua experiência social também sua velocidade de captação e avaliação.

Desde o desejo inicial (WOLLHEIM, 2001), que impulsiona a captação de estímulos, até a manipulação ou o controle quase que absoluto sobre esses desejos, como indicado pela ética do protestantismo (FLAM, 2002), a cultura vigente no espaço social do indivíduo modela as emoções e, sobretudo, o processo de ação, prescrevendo o que deve e o que não pode ser sentido e interpretado. A causalidade resultante das ações, à primeira vista, parece natural, mas, em grande parte, também é o produto da arbitrariedade cultural.

Na análise da trama literária, tais perguntas e condicionantes intrínsecos ao processo interpretativo de emoções podem ser produtivos como possíveis elementos composicionais, porquanto constroem uma rede de causalidades e uma configuração teleológica baseadas nas emoções encenadas. Cabe, portanto, entender o emaranhado de ações encenado no mundo ficcional - assim como suas causas, consequências e fins - a partir de uma lógica emotiva que abdica da superficialidade e procura outros sentidos.

Uma das emoções que predominam no romance *Die Liebhaberinnen*, de Elfriede Jelinek, é o ódio. É essa emoção que configura grande parte das ações em volta das duas protagonistas: brigitte e paula (letras minúsculas no original). As protagonistas nutrem um desejo: brigitte deseja casar-se com heinz, mas a rival imaginária susi, os pais dele e o próprio heinz dificultam a realização desse desejo. Paula quer ter uma vida independente, mas nem sua família nem seu namorado erich a apoiam. Todas as ações desencadeadas no universo ficcional estão atreladas ao ódio. Com base na introdução teórica, cujo objetivo foi refletir

sobre as conexões entre emoções e a ação, este artigo analisará três aspectos em volta do ódio e da ação: (1) os obstáculos ao prazer e o princípio do ódio, (2), o episódio do café da tarde e as regras da norma social e por fim (3) o prazer do outro como princípio desencadeador do ódio e da ação.

1 Obstáculos para o prazer e o princípio do ódio

O ódio resulta de um choque avassalador com a realidade, em *Die Liebhaberinnen* a prova da realidade se revela ininterruptamente desapiedada. O elemento de coesão central se dá no ódio, pois todas as tentativas de granjear prazer pessoal são imediatamente embaraçadas pelos desejos igualmente intensos dos outros membros da interação. Repletas de ódio, as constelações figurais se entrelaçam pelo sentimento comum de repulsa, impedindo que se formem linhas de interação em cujo cerne já não viceje o germe da destruição, impossibilitando, portanto, também que medrem contextos sociais produtivos para a construção de identidade pessoal.

O problema da incompatibilidade – entre anseios próprios e as concessões feitas pelo entorno social – obviamente encerra dois elementos dicotômicos. Por um lado, a tragédia pessoal da impossibilidade diante das premências que avassalam o corpo, por outro, o excesso de demandas puramente egoístas que tolhem uma convivência aceitável, ao revelar conceitos e projetos de identidade cuja única intenção reside em potencializar o próprio prazer. As figuras encenadas no espaço ficcional são, ao mesmo tempo, vítimas incapazes de conter seus próprios ímpetos e agressores que perpetraram ações socialmente destrutivas.

Diante desse quadro sombrio, cabe perguntar quais interlocutores prometem prazer e quais compreendem prováveis fontes de desprazer. Assim, fundamentado em clichês, seria possível assumir que sogros, noras, genros e concorrentes de toda espécie implicam certa ameaça a relacionamentos estabelecidos e regrados, com rituais de troca claramente demarcados. Pais, filhos e prováveis cônjuges, por outro lado, novamente sob perspectiva arraigada em estereótipos socialmente transmitidos, representam fontes de prazer, uma vez que dispõem proteção e indicam disposição para um intercâmbio equilibrado de favores.

O que se mostra, no entanto, é que o ódio e a incapacidade de sincronizar necessidades perpassam toda a trama. "No romance de Jelinek, família implica tudo menos um grupo social que ama e apóia" (KOMAR, 2007, p. 98). O que resta são, na verdade, monstros que gritam e ferem sem grandes considerações éticas, importando-se somente

em alcançar o mais rapidamente possível o objeto cobiçado, para de tal forma dominar irrestritamente o fluxo de deleite. Importante salientar que o prazer tende a provir não do objeto em si, mas antes de sua encenação em comunicações sociais. Nesse comércio de vestígios significativos, o que vale é ostentar, e por conseguinte somente aquilo que tem um valor de troca. Com a ostentação barrada ou impedida por membros pouco cooperativos, o ódio se incendeia e afeta a interação. Se o contexto permitir, a figura o faz de forma patente; havendo restrições, o ódio consome suas vísceras.

Isso caracteriza o relacionamento de brigitte e heinz. Impelidos por interesses completamente díspares, ambos se aproximam com o único intuito de saciar seus desejos. Nisso constroem projetos de identidade em que incluem o outro somente como objeto funcional para a execução pragmática de metas, sem enxergar atributos além de sua utilidade material direta. Ao negarem um ao outro o prazer vislumbrado, mantendo-se em seu mundo egoísta e idiossincrático, eles alimentam, com intensidade cada vez maior, a chama do ódio: "é inacreditável quão intensamente pode-se odiar alguém, brigitte só tem de olhar para heinz e já começa a odiá-lo novamente" (JELINEK, 2004, p. 54, todas as traduções são do autor deste artigo). A visão do outro, como possibilidade de apropriação perceptiva, por conseguinte, como provável fonte de prazer, não desencadeia processos positivos ou propicia a necessidade de um movimento de aproximação, mas sim um repulsa incontrolável cujo fito é a destruição da existência alheia, ou melhor, de seus atos insubordinados. Utilizando-se dos moldes da literatura trivial, Jelinek constrói a expectativa de um idílio nas paisagens austríacas para logo em seguida desconstruí-la (BORMANN, 1990).

A promessa de lucro no comércio de favores é a única motivação capaz de induzir os protagonistas a transporem os ímpetos de destruição e almejar novamente uma aproximação, a despeito dos sentimentos que os dilaceram. Assim brigitte se dispõe a superar suas barreiras interiores, haja vista que acredita que seus investimentos lhe renderão mais proventos que os esforços despendidos:

embora brigitte odeie heinz, ela ainda assim quer consegui-lo para que pertença todo a ela e a nenhuma outra.

se b. já odeia a heinz agora, antes mesmo de consegui-lo, como não o odiará quando finalmente, o que ainda é muito duvidoso, o tiver conseguido para sempre e toda eternidade e não mais precisar esforçar-se para consegui-lo.

por enquanto, no entanto, brigitte tem de esconder seu ódio com muito cuidado, porque ela ainda não é ninguém, a saber uma costureira de sutiãs, e ainda quer ser alguém, a saber a mulher de heinz (JELINEK, 2004, p. 72).

Brigitte definitivamente não percebe heinz como fonte direta de prazer. Nenhuma de

suas ações está direcionada para a conquista dele como ser humano que encerra em si atributos válidos por si sós. Em sua visão, ele representa uma ferramenta altamente capaz de lhe fornecer os meios para alcançar outros fins. Seu ódio resulta, portanto, da dependência que lhe é imposta e da necessidade irrevogável de submissão aos caprichos do detentor de poder. Como brigitte não depreende outras formas de aquisição de prazer das possibilidades inerentes à realidade que a envolve, ela se transforma em escrava de um homem que, por sua vez, detém várias outras fontes de gozo, podendo dispensar os favores submissamente oferecidos por ela. Em sua visão, que se reduz a seus desejos, ela interpreta o comportamento de heinz como um conjunto de ações arbitrárias que a impede de chegar, pelo caminho mais curto e de menor esforço, ao fim planejado. O que se desenrola nessa linha de ação é o embate de duas forças, dois desejos egoístas de coisificar o outro, sem qualquer consideração das necessidades e dos atributos pessoais alheios.

2 O café da tarde ou sobre algumas regras da norma social

Diante da reificação do ser não há, no universo ficcional, empecilhos éticos que imponham limites. O que há são regras do discurso social que modelam ações, permitindo a alguns atores sociais determinadas ações que a outros estão barradas, necessitando portanto de uma remodelação das emoções. De forma lógica, por conseguinte, heinz envereda pelo mesmo caminho que brigitte. O episódio em volta de um bule ilustra essa situação: a família de heinz, susi e brigitte se encontram para o café. O encontro social acaba em conflito por causa de um bule que brigitte tira à força da rival susi. Ao desejar a susi e não a brigitte, heinz interpreta as ações de brigitte como algo que embaraça seus objetivos, causando sua fúria:

heinz quisera esbofetear brigitte. no momento seguinte, heinz realmente já esbofeteia brigitte. um homem tem de fazer o que se propôs. essa injustiça dói! brigitte afinal de contas salvou o bule da família de um invasor. ela continua premendo a porcelana contra seu peito, a porcelana já absorveu o calor do corpo, ao contrário de heinz, que sempre é frio com b. [...] eu dou o bule à sogra ou ao heinz, mas não à Senhora, diz brigitte. Mas ninguém se importa com ela. um grupo entusiasmado composto por heinz, e seus pais aplaude susi (JELINEK, 2004, p. 86).

A bofetada materializa o ódio. Heinz interpreta a intimidade com a qual susi se apodera do bule como possibilidade, indicando sua disposição de aproximar-se dele e de sua família. Saturado de significados a olhos necessitados de projetar na realidade a afirmação do desejo, esse movimento extremamente íntimo e impensado de apoderar-se espontaneamente do bule, revela-se para ele como iminência do prazer. Essa mesma linha de interpretação de realidade é tomada pelos pais, que vislumbram o prazer na condição social superior de susi e a

cujos círculos gostariam de pertencer. Todo o comportamento dessas personagens e todas as ações desencadeadas nesse contexto estão condicionados pela busca e asserção inconsciente do prazer.

Ao arrancar o bule das mãos de susi, brigitte quebra o encanto, destrói as possibilidades e se infiltra com conotações negativas nas linhas de significado a serem materializadas. Ao irromper dessa forma brusca na construção de realidade de heinz, impedindo-o de seguir as linhas de ações vislumbradas, brigitte desperta seu ódio. Todo esse episódio se revela como sumamente grotesco, uma vez que um objeto cria autonomia e domina a situação de tal forma, que a presença dos participantes parece dispensável. Nesse jogo da realidade, o objeto precede o sujeito. A comicidade dos acontecimentos, contudo, não desperta somente o riso, ela condensa também uma sensação de alienação que ameaça a compreensão do humano. No primeiro momento, o riso a ser suscitado pela descrição legítima formalmente o desprezo; num segundo instante, porém, o grotesco entreabre a visão de um mundo que saiu dos eixos.

Para impor limites, heinz indica claramente que brigitte adentrou um território cujo acesso não lhe fora concedido. Munido do papel de homem tradicional, ele legitima seu comportamento, sublinhando a necessidade de agir desse modo. Tanto brigitte como heinz constituem suas ações com base na satisfação de seus anseios, mas o que os diferencia, e nisso se encontra uma crítica social de Jelinek, é a possibilidade de articular patentemente seus desejos no espaço social. Enquanto brigitte tem de dissimular seu ódio, heinz pode comunicá-lo abertamente com a vênua dos pais e da sociedade. A expressão de seu ódio e as ações desencadeadas por esse sentimento têm o respaldo dos discursos oficiais. Brigitte não tem as mesmas chances de agir e expressar seus sentimentos. O que desencadeia seu ódio não difere muito daquilo que heinz traz à tona, mas seus modos de expressão têm de adaptar-se aos preceitos sociais. Perante a incompatibilidade entre ímpetos e normas, brigitte se vê forçada a reprimir seus anseios e adaptar-se às imposições, mas sem abdicar de suas maquinações.

Como na concepção de realidade de brigitte heinz representa não a fonte, mas a ferramenta por meio da qual ela pode chegar ao que para ela incorpora o prazer existencial, tudo ou todos aqueles que a impedem em sua caminhada automaticamente têm de transformar-se em antagonistas e suscitar seu ódio. Suas ações, portanto, seguem duas frentes. Por um lado, ela tem de granjear a atenção de heinz e convencê-lo de sua presteza como esposa. Por outro lado, tem de combater ativamente aqueles que não a apóiam em seus

ensaios de modelação de realidade. Seu ódio, nesse contexto, surge da convicção inabalável de que seus desejos são naturalmente legítimos e lícitos.

Partindo dessa certeza, ela jamais se detém em sua campanha para refletir sobre sua conduta ou sua concepção de realidade. Nessa certeza absoluta, reside um grande perigo, pois hospeda intolerância e nutre hostilidade. A ausência completa de empatia e diálogo em seu senso mais amplo ampara movimentos de destruição. Daí provém a impossibilidade de construir linhas de significados que pudessem servir de fundamentos para ações construtivas ou de base para irromper da prisão pessoal e adentrar possibilidades de percepção do outro. Brigitte, no entanto, enxerga somente um ponto em seu horizonte, a saber, o perigo materializado na forma da mulher 'susi', sua concorrente mor.

Essa visão unilateral de realidade a induz a seguir somente uma linha de interpretação, na qual ela reduz a complexidade do seu entorno a pares dicotômicos, permanecendo num maniqueísmo confortável. Enquanto susi se aproxima da realidade sem desconfiança, brigitte se apropria do entorno pelo crivo da suspeita. Ainda antes de conhecer susi, ela já a odeia, pois representa uma ameaça de concorrência. Por conseguinte, nenhum dos atributos que susi expõe pode ser visto e interpretado por seu valor humano e potencialmente bom, mas antes como armas cujo emprego na contenda por recursos pode revelar-se imprescindível. Diante da necessidade de projetar uma interpretação pessoal que legitime o ódio, faz-se necessária a criação de um discurso de um inimigo vil que procura subtrair-lhe os escassos recursos existentes.

A protagonista brigitte procura diminuir tudo que possa avantajá-la susi na visão de heinz, mas isso sem abandonar o âmbito dos discursos narráveis e socialmente representáveis. Essa situação gera um impasse pessoal, no qual brigitte tem de lutar com duas forças: seu desejo de dar rédeas soltas a seu ódio e a necessidade – como instrumento de êxito – de respeitar as regras do discurso: "brigitte está de tal forma carcomida pelo ódio, que ela mesma não consegue enfiar nada goela abaixo. ela tenta degradar o escalope de susi. heinz enaltece novamente o escalope de susi. ele aproveita e devora a porção da brigitte. tão deliciosa estava" (JELINEK, 2004, p. 83). O ódio tem de ser reprimido e remodelado de modo a conformar-se às imposições do jogo social e evitar a exclusão do palco de ação. A impassibilidade de susi, uma vez que ela não tem interesse real em heinz nem mesmo de agradar extraordinariamente à família dele, e a indiferença bruta de heinz, cujo intuito imediato é saciar a fome e granjear a atenção de susi para que esta posteriormente também

satisfaça seu apetite sexual, aumenta ainda mais o ódio de brigitte, uma vez que lhe indica patentemente sua impotência diante de forças que se evadem de sua influência. Embora susi não apresente qualquer interesse em concorrer com brigitte pela simpatia de heinz, ela representa uma ameaça.

A 'caça' por um bom marido que sirva de instrumento de encenação e posteriormente assegure acesso a signos de status representa uma atividade institucionalizada. Segundo a protagonista, toda mulher que nutre ambições sociais desenvolve suas estratégias para ter êxito nesse combate. Isso implica automaticamente que, nessa visão de mundo, outras mulheres têm de ser reduzidas a concorrentes dispostas a despender suas energias para assegurar a posse da presa. Diante da escassez de recursos e da concorrência acirrada, o ódio se revela como ímpeto fundamental, porque instiga o indivíduo a impor-se com mais determinação. Ao imputar vileza, arbitrariedade e falta de caráter às rivais - uma técnica discursiva legitimadora de ação - a protagonista instrumentaliza práticas acordadas socialmente para agir com mais liberdade. O ódio nasce da convicção de estar agindo corretamente e dentro das regras do jogo. Trata-se de uma interpretação da realidade fundamentada na percepção subjetiva de injustiça.

3 O prazer do outro como princípio desencadeador do ódio e da ação

A realidade ficcional está permeada por várias outras situações que corroboram a presença do ódio em relacionamentos que, em princípio, representam fontes de prazer e proteção. Isso vale, por exemplo, para os relacionamentos de pais e filhos que compreendem o desejo da presença mútua e a disposição para a distribuição equilibrada de favores dentro de um espaço social que, por natureza, cria situações que excluem concorrências desmedidas. No entanto, também nesse círculo social o que se encontra é um comércio extremamente egoísta, em que o valor humano é definido com base em seu potencial de lucro.

A busca por recursos mais amplos por parte das gerações mais jovens nesse romance choca bruscamente com a desolação e a falta de perspectivas da geração anterior, causando atritos de ordem puramente emocional. Sem chances, ou melhor, sem quaisquer disposições teleológicas, os pais se apercebem dos avanços no seio da família com rancor, uma vez que estes implicam o perigo de um desequilíbrio hierárquico. Com uma redefinição da hierarquia, não mudam somente a distribuição e imposição de signos de poder, ao mesmo tempo, os rituais inconscientes de repartição de prazer acabam sofrendo alterações que demandam do

sujeito reflexão e adaptação em sua construção de identidade. Ou seja, as prováveis turbulências implicadas nesse processo de comunicação intergerações acaba desencadeando mecanismos de defesa, para que o estado atual permaneça inalterado.

Assim, permitir que as filhas se realizem existencialmente inclui, para as mães, a necessidade de assumir seu próprio fracasso e sua incapacidade de lutar por uma vida melhor. Diante da ousadia, por parte delas, de quererem impor essa visão alternativa de realidade, tão bem enterrada sob os escombros do passado, desperta-se nas mães o ímpeto incontrolável de agir, materializado na presença do ódio. As ações desencadeadas pelo ódio - necessariamente contido - das mães estão legitimadas pelo discurso da preocupação. Ao estarem supostamente interessadas no futuro das filhas, em sua felicidade matrimonial e em seu desenvolvimento pessoal, elas podem vingar-se da soberba filial, intrínseca ao desejo de quererem ultrapassar os limites designados à geração anterior, arremessando-as ao mesmo destino.

Da mesma forma, as ações do pai em relação aos interesses familiares estão atreladas a interesses e motivações encobertas e de certa maneira também refreadas por discursos sociais impassíveis de serem ignorados. Assim, o pai interpreta o desejo de paula de querer buscar chances numa boa formação como tentativa de impor-lhes sua suposta superioridade:

e o tempo todo paula fica olhando a vida melhor como algo que uma hora também vai lhe pertencer, embora não tenha sido feito para ela.
e porque ela, na verdade, não vale toda essa atenção, e porque o paizinho quer o seu sossego à noite, e porque ele, infelizmente, não pode matá-la a pancadas, embora o quisesse muito, porque ele está cansado demais para poder arriscar uma segunda explosão de ira, e porque ele, infelizmente, não pode dar cabo dela, embora o quisesse muito, e porque, no fim das contas, dá tudo na mesma, e porque a paula prometeu um monte de coisas, entre outras coisas que à noite ajudaria a mãe na estrebaria, e porque dinheiro é dinheiro, a paula finalmente pode fazer o curso de costureira (JELINEK, 2004, p. 20).

O ato, por parte da filha, de olhar para o futuro e imaginar uma realidade diferente não desperta o orgulho do pai nem o instiga a apoiá-la e contribuir com signos próprios para a continuação desse projeto. Ao contrário, ele vislumbra nas ações da filha o perigo do questionamento de sua própria inserção na realidade e, diante desse risco inconscientemente intuído, ele tem de agir de maneira a refrear essas incursões indesejadas. Seu ódio permanece, de modo latente, em todas suas reflexões e decisões, aflorando em irrupções de agressividade.

Na passagem citada, o ódio permeia o conjunto de signos, mas não chega a irromper por dois motivos. Por um lado, o cansaço físico e a perspectiva de lucro nos interesses articulados pela filha refreiam a expressão imediata de seu desgosto. Importante salientar,

suas ações estão diretamente atreladas à lógica capitalista do lucro. Portanto, o valor que ele desprende da presença de sua filha não provém de seu capital humano, mas sim dos proventos a serem pragmaticamente computados. Por outro lado, ele não prossegue à ação interiormente desejada pelas imposições da sociedade. Ele não a espanca, materializando seu ódio, porque significaria uma desvantagem muito grande na balança de lucros. Dessa forma, sopesando todos os elementos que compõem essa linha acional, ele acaba por restringir a expressão de seu ódio por meio de ações verbais, diminuindo a filha e todos seus planos. Nesse caso, mais importante que o perigo de ter de admitir a superioridade social de paula e, com isso, ter de reconstruir sua narração pessoal, o interesse pelo lucro imediato modela o formato de suas ações e, por conseguinte, da exteriorização do ódio.

O ápice desse ódio contido emerge com a gravidez de paula. Tanto a mãe como o pai começam a gritar inarticuladamente, para logo em seguida materializar suas emoções com maior contundência, lançando mão de uma violência desmesurada. Esse ódio provém da repentina e inesperada queda de valor do produto 'filha' no mercado de troca. Com a gravidez, paula não pode mais produzir valores para a família por meio de seu trabalho nem pode contrair um matrimônio que pudesse beneficiar os pais. Para complicar a situação ainda mais, ela engravida antes do casamento, o que implica uma mácula para a reputação da família no processo de sua representação social. Na visão de mundo dos pais, a filha transgrediu diversos limites, forçando-os a rever sua narração pessoal e as possibilidades de articulação no espaço social. Para eles, trata-se de uma ação arbitrária que tem de ser punida à altura. A expressão materializada de sua interpretação é o ódio.

A filha, por momentos, chega a imaginar o cenário oposto, no qual a família a acolhe com carinho, atenção e, sobretudo, auxílio diante de um momento de desconcerto e incerteza. Ao invés disso, o pai se arrepende de não tê-la espancado ao expressar seu desejo de querer frequentar um curso profissionalizante, e a mãe já está a postos para forçá-la a um aborto. Desiludida e em choque com uma realidade cuja intensidade e imensidão não logra abarcar, paula se rende às narrativas que se impõem e as acolhe para sua própria encenação: "se há alguma coisa dentro de paula, então é ódio, que cresce cada vez mais. Esses sentimentos não entraram sozinhos nela, para isso algumas pessoas tiveram que trabalhar arduamente" (JELINEK, 2004, p. 105). A partir de uma socialização embasada na expressão do ódio, não lhe resta outra coisa que aderir a esse estilo de comunicação e usá-lo em suas próprias tentativas de apropriar-se do mundo. Com isso, repete-se o círculo vicioso do ódio.

Aqui vale ressaltar, no entanto, que o ódio que leva paula a agir possui uma dimensão completamente diferente se comparado aos paradigmas vistos até agora. O que desperta esse sentimento e o faz aflorar em sua narração pessoal é a dignidade ferida. Imbuída de esperança por um futuro melhor e desejosa de um relacionamento sério arraigado em respeito mútuo, paula se arremessa na realidade com o intuito de moldar uma existência pautada pela realização pessoal, sem desrespeitar os limites alheios. Seus ímpetos ingênuos, no entanto, rebentam diante dos recifes de hostilidade, vileza e pusilanimidade presentes no entorno social em que tem de atuar. Sua ingenuidade e, sobretudo, seus projetos de vida construídos a partir de preceitos de uma sociedade tradicional e patriarcal, mas combinados com desejos inovadores, a condenam, já de início, à derrota certa.

O sentimento de ódio representa a resposta, em forma de ação, à incursão indesejada e não autorizada em território alheio. A complexidade de sua definição e de seu campo de ação reside, portanto, nos limites territoriais estipulados por cada indivíduo. Esses territórios podem, a título de exemplo, ser construídos sobre a aquisição de prazer ou sobre conceitos subjetivos de dignidade pessoal. O que desconcerta, na realidade ficcional, é sua onipresença na encenação, permeando, sem exceção, todos os estratos da sociedade. Ódio pelos pais e avós, ódio pela nora, ódio pelos sogros como exemplos de sentimentos canalizados. Ao mesmo tempo, imperam emoções negativas, tornadas explícitas como tais pelo narrador, que se dispersam por todos os processos de comunicação e até mesmo ganham materialidade, "alastram-se", para então impor-se nas ações e definir-lhes os desdobramentos:

há um ódio geral no vilarejo que se alastra cada vez mais, que contagia a tudo, que não para diante de ninguém, as mulheres não descobrem nada de comum entre elas, somente divergências. aquelas que receberam algo de melhor com base em suas qualidades físicas querem retê-lo e escondê-lo das outras, as outras querem tirar isso delas ou algo ainda melhor. é um ódio e um desprezo (JELINEK, 2004, p. 29).

Atrelada à inveja, a revelação dos limites impostos à vontade desperta no indivíduo um ódio absoluto. Assim, o espaço social ficcional já não é mais visto como um lugar que permite instaurar uma identidade livre, mas como fator negativo que insiste ininterruptamente em negar ao sujeito a possibilidade de autorrealização. Socializadas nesse meio e condicionadas pela lógica inexorável de comunicação, as protagonistas já não escapam às incisões do ódio, uma vez que estas se transformam em princípio existencial e acional, por meio do qual têm acesso à realidade. O que resta é um aglomerado humano amorfo incapaz de derivar beleza do

mundo.

Considerações finais

A procura do prazer é o elemento que perpassa a ação em *Die Liebhaberinnen*, esse prazer está caracterizado por um ímpeto sumamente egoísta, pois não tem por objetivo o reconhecimento existencial do outro, mas antes utilizá-lo como instrumento para alcançar determinados fins. Nesse contexto, o ímpeto inicial da ação origina-se no desejo de destruição, haja vista que o outro se revela constantemente como barreira para o acesso imediato ao prazer. A despeito do potencial agressivo que reside nas ações, as personagens procuram transpor suas aversões em benefício do comércio de favores.

Dessa forma, brigitte se aproxima de heinz, muito embora o despreze, utilizando-o somente como instrumento para seus fins. O ódio surge de sua sensação de dependência e da necessidade - assim sua interpretação - de submeter-se a seus caprichos. Enquanto brigitte procura dissimular seu ódio para assegurar seu êxito, heinz pode expressá-lo abertamente com a vênua dos pais e da sociedade. Todas as ações encenadas têm por fim apossar-se de objetos em seus mais diversos formatos. Nisso surgem figuras corroídas pelo ódio diante da incapacidade de obter tudo que cobiçam, produzindo marionetes grotescas que se contorcem entre suas premências egoístas e as normas da sociedade. Diante desse cenário, os princípios básicos de empatia desaparecem, impossibilitando a formação de ações embasadas em categorias construtivas e propiciando uma visão de mundo em que pessoas são reduzidas a objetos e potenciais concorrentes.

Referências

BORMANN, Alexander von. Dialektik ohne Trost: Zur Stilform im Roman 'Die Liebhaberinnen'. In: GÜRTLER, Christa (Org.). *Gegen den schönen Schein: Texte zu Elfriede Jelinek*. Frankfurt am Main: Neue Kritik, 1990, p. 56-74.

ELSTER, Jon. Social norms and economic theory. In: *Journal of Economic Perspectives*, n° 3(4), p. 1386-1397, 1996.

_____, Jon. *Alchemies of the mind. Rationality and the emotions*. New York: Cambridge University Press, 1999.

ELSTER, Jon. Emotions and rationality. In: MANSTEAD, Antony; FRIJDA, Nico H.; FISCHER, Agneta. *Feelings and emotions*. New York: Oxford University Press, 2004, p. 30-48.

FLAM, Helena. *Soziologie der Emotionen*. Konstanz: UVK Verlagsgesellschaft, 2002.

JELINEK, Elfriede. *Die Liebhaberinnen*. Hamburg bei Reinbek: Rowohlt, 2004.

KOMAR, Kathleen L. Women, Socialization, and Power: Die Liebhaberinnen [Women as Lovers] and Was geschah, nachdem Nora ihren Mann verlassen hatte oder Stützen der Gesellschaft [What Happened to Nora after She Left Her Husband or Pillars of Society]. In: KONZETT, Matthias Piccolruaz; LAMB-FABELBERGER, Margarete (Orgs.). *Elfriede Jelinek: Writing Woman, Nation and Identity*. Madison, NJ: Fairleigh Dickinson, 2007, p. 96-114.

LEVENTHAL, Howard.; SCHERER, Klaus R. The relationship of emotion to cognition. A functional approach to a semantic controversy. In: *Cognition and Emotion*, n° 1(1), p. 3-28, 1987.

SCHERER, Klaus R. On the nature and function of emotion: A component process approach. In: SCHERER, Klaus; EKMAN, Paul. (Orgs.). *Approaches to emotion*. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1984, p. 293-318.

_____, Klaus R. Criteria for emotion-antecedent appraisal. A review. In: HAMILTON, Vernon; BOWER, Gordon H.; FRIJDA, Nico H. (Orgs.). *Cognitive perspectives on emotion and motivation*. Dordrecht: Kluwer, 1988, p. 89-126.

_____, Klaus R. Studying the emotion-antecedent appraisal process: An expert system approach. In: *Cognition and Emotion*, n° 7(3/4), 1993, p. 325-355, 1993.

SCHEVE, Christian von. *Emotionen und soziale Strukturen*. Frankfurt am Main/New York: Campus Verlag, 2009.

VOSS, Christiane. *Narrative Emotionen: eine Untersuchung über Möglichkeiten und Grenzen philosophischer Emotionstheorien*. Berlin: de Gruyter, 2004.

WEBER, Max. *Wirtschaft und Gesellschaft*. Grudriß der verstehenden Soziologie. 5 ed. Tübingen: Mohr, 1922.

WOLLHEIM, Richard. *Emotionen*. Eine Philosophie der Gefühle. Tradução do inglês: Dietmar Zimmer. München: C.H. Beck, 2001.

Recebido em 18 de agosto de 2017
Aprovado em 09 de novembro de 2017